

UM NOVO
PIRATA



UM NOVO
PIRATA

Olívia Neves

giestri

Título Original

Um novo pirata

copyright Olívia Neves, São Paulo, 2014

Reservam-se os direitos desta edição à:
GIOSTRI EDITORA LTDA

São Paulo - SP - República Federativa do Brasil.

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-8108-527-2

CDD: B869-3

Editor Responsável Alex Giostri
Assistente Editorial Bruna Miwa
Capa e Diagramação Michel Kennedy
Revisão Final de Texto Giostri Editora Ltda.

Neves, Olívia

Um novo pirata

1ª. Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2014

1 – Literatura brasileira - Romance

1º título: Um novo pirata


1ª Edição

Giostri Editora LTDA.



Para a Duquesa Evelyn, por ter sido a primeira pessoa a acreditar nesse projeto e por me apoiar todo esse tempo.

Giostri Editora | Rua Dona Avelina, 145 | Vila Mariana - SP
São Paulo • SP • CEP: 04111-010 | Tel.: (011) 2537-2764
contato@giostrieditora.com.br | www.giostrieditora.com.br

 giostrieditora.blogspot.com.br

 facebook.com/giostrieditora

PERSONAGENS DA OBRA

Morgan Morthan

Olá, sou Morgan Morthan e sou eu que vou lhes contar essa aventura. Sou o imediato do navio de Jake e fiquei impressionado com sua força e dedicação. Depois de tudo que aconteceu, resolvi contar essa história para vocês.

Jake Smith

Filho de pirata, Jake, dezoito anos, sempre viveu em alto mar. Perdeu a mãe aos oito anos e tem tatuado nas costas o mapa da Baía de Sete Pecados. Tem um gênio muito forte.

Evelyn Jeanville

Com quinze anos, a Duquesa Evelyn sempre vivera no luxo e na riqueza da nobreza. Mimada e teimosa, gosta de fazer tudo o que quer e quando quer. Vive fugindo dos olhos de seu pai e nunca conhecera a mãe.

Gabriella Castle

Fora adotada pelos pais de Jake quando ainda era muito pequena. Dentro de um navio, pode ser mais cruel do que qualquer grupo de homens, apesar de ter quinze anos e um rosto angelical.



Matthew O'Callahan

Aos dezessete anos, também é órfão e trabalhava limpando o convés do navio do pai de Jake, tornando-se o seu melhor amigo. Sempre está de bom humor, mesmo quando tudo dá errado.

Danielle Jeanville

Irmã mais velha de Evelyn, sumira junto com a mãe, para um lugar que até hoje não se sabe exatamente onde. É uma mulher misteriosa e pouco confiável.



PRÓLOGO

Em um tempo em que piratas navegavam pelos mares, países disputavam entre si. Tudo pela terra do Novo Mundo e suas riquezas.

A guerra era sem fim. Era uma luta sangüinária e cruel. Eu vivi este tempo, eu participei desta guerra. Meu nome é Morgan Morthan, o imediato, e contarei a história do capitão deste navio, Jake Smith.

Tudo começou numa noite em que a tripulação de seu pai fora pega. Alguns conseguiram escapar, mas outros estavam esperando pela forca. Jake estava sozinho na minúscula cela iluminada apenas pela luz da lua. Mexia no anel que sua mãe lhe dera antes de deixá-lo.

Com oito anos já sabia o que estava acontecendo. Sua mãe fora acusada de bruxaria, crime pelo qual a punição era a fogueira ou a forca. Por isso estava de costas para a janela, para não ver as faíscas que apareciam da fogueira. A cicatriz da tatuagem que seu pai lhe fizera nas costas ardia e latejava, sabia que aquela seria uma longa noite.

Já era bem tarde quando Jake ouviu barulhos de explosões. Ele subiu no banco para saber o que estava acontecendo, mas a sua altura de criança não o ajudava muito. Tendo que ficar na ponta dos pés, ele via a escuna de seu pai atacando o porto da pequena colônia inglesa. Com certeza ele tinha voltado para resgatar sua tripulação.

De sua cela, Jake ouvia sons de tiros sem parar. Seu pai enfim chegara à prisão com as chaves e libertou todos



os piratas que estavam ali. John, o pai de Jake, pegou-o no colo e correu para o navio com todos os piratas atrás dele, acabando com a invasão. Muitos aproveitaram para roubar e saquear, para assim obter algum lucro.

Quando tudo enfim se acalmou, John colocou Jake em sua cabine perto de sua irmã de criação, Gabriella, que já dormia a sono solto. Ele soltou um suspiro de cansaço como se tivesse carregado pedras o dia inteiro e se jogou de qualquer jeito na cama improvisada do lado da irmã.

— Jake... — sussurrava a pequena criatura de cinco anos. Jake se virou para ela, que continuou: — A mamãe foi embora? Eu não a vi chegar com vocês.

Sentiu pena de sua irmãzinha, que ainda era muito pequena para entender o acontecido. Esta já havia perdido a mãe verdadeira juntamente com seu pai. Agora perdia a mãe de criação. Ele não sabia o que dizer a ela. Ficou certo tempo parado antes de responder.

— Não sei... É muito tarde para falar disso agora, é melhor dormir — ele deu um pequeno sorriso e virou para o outro lado.

Enquanto isso, os tripulantes e o capitão conversavam no convés do navio.

— Sabemos muito bem o porquê das nossas prisões. E não foi só por sermos piratas — começou um deles.

— É! — continuou o outro. — Revistaram todos nós e os nossos pertences! Estavam procurando esse maldito mapa!

— John, temos que pegar os nossos tesouros, esconder em outro lugar e destruir o mapa! Senão esses homens não nos darão sossego.



— Concordo com metade do que você disse, Silver. Devemos destruir o mapa, mas não precisamos retirar os tesouros de lá.

Dito isso, a confusão foi geral. Matthew, um clandestino que John fizera limpar o convés, via tudo da escada. Era apenas um ano mais novo que Jake, então, ali, era um insignificante.

— Senhores, senhores! — falava John para acalmar a tripulação. Normalmente daria um tiro para cima, mas estava debaixo do convés, isso não seria uma boa ideia.

Quando tudo se acalmou mais um pouco, Silver começou a falar novamente:

— Como você quer destruir o mapa sem tirar o tesouro de lá?! Como vamos achá-lo novamente?!

— Digamos que eu fiz uma cópia em um lugar onde não tem como rasgar, queimar ou perder. A pessoa que está guardando está ciente do valor desse mapa. Portanto, não precisaremos mais deste — terminou John, pegando uma vela para queimar o velho pedaço de papel.



I

— Que plano de merda! — gritou Jake indignado com o que acabara de ouvir.

— É o único jeito. A única solução! — tentava explicar John.

— Ir para a Inglaterra?! Você ficou maluco, isso sim! É suicídio! Estão expulsando até os católicos de lá! Imagine nós, piratas!

— Aqui vamos ser perseguidos pelos ingleses ou pelos espanhóis do mesmo jeito. Além do mais, quem iria desconfiar de um pirata na metrópole e não na colônia?!

— Isso é maluquice! Vai matar todos nós!

— Nós vamos para a Inglaterra, e sem mais discussões!

Jake saiu batendo com força a porta da cabine. Era apenas mais um tripulante no navio de seu pai, mas se dava ao luxo de contradizer algumas ordens do capitão.

Ele tornara-se um rapaz forte em todos os sentidos. Jovem e bonito, Jake mudara muito em dez anos, tinha o gênio difícil de controlar. Sabia de suas responsabilidades, mas cumpria com seus deveres só quando queria.

Jake não achava certo esconder-se na Europa, quanto mais na Inglaterra. Ficou olhando o mar pensando no que aconteceria.

— Como foi lá? — perguntou uma voz por trás dele. Era Matthew.

— Não houve nada! — disse ele, virando-se novamente para o mar. Matthew riu e pôs-se ao lado de Jake.

— Como eu previa. Um cabeça-dura como você e um cabeça-dura como seu pai discutindo, não iria dar certo.

— Mas viajar para a Inglaterra? Nesses tempos é maluquice! Nos matam por sermos piratas, nos matam por não sermos anglicanos, nos matam por qualquer coisa!

— Você está preocupado com isso ou por causa da tatuagem nas suas costas?

— Por que você acha isso? — toda vez em que falava desse assunto Jake sentia uma queimação nas costas totalmente tatuadas, desde que tinha oito anos de idade.

— Seu pai fez isso por causa da perseguição dos ingleses que queriam o mapa, e...

— Do que estão falando, rapazes? — chegou a irmã de Jake. Como aquela criatura havia mudado. Parecia uma borboleta, que antes era uma insignificante lagarta, que acabara de sair do casulo. No auge dos seus quinze anos tinha o corpo de uma mulher feita, olhos de esmeraldas e cabelos dourados.

— Nós estamos indo para a Inglaterra — disse Matthew, mudando de assunto.

— Caminhando para a nossa forca — disse Jake saindo e entrando no porão do navio.

Gabriella olhou para Matthew, deu um pequeno sorriso e foi atrás de seu irmão.

Matthew, mesmo sendo um ano mais novo que Jake, tinha o corpo mais robusto e em seu rosto nascia barba, enquanto o outro ainda era liso. Seus olhos eram castanhos bem escuros e tinha os cabelos negros. Jake tinha olhos de mel bem claros e os cabelos castanhos também claros, a única coisa em comum era a cor da pele. Os dois eram morenos por natureza, e o Sol os queimava ainda mais.



II

No porão, Gabriella tentou conversar com Jake.

— Jake, ele é o capitão. O papai deve saber o que está fazendo.

— Claro, ele quer nos matar!

— Você acha mesmo que ele faria isso conosco? — mesmo no escuro porão dava para ver aqueles grandes olhos verdes cheios de lágrimas como se nunca tivesse visto um homem morrer, como se nunca tivesse matado um homem.

— É melhor voltarmos para o trabalho — disse Jake, entrando mais no porão e deixando Gabriella sozinha.

— Ai, esse cabeça dura! — resmungou ela subindo as escadas.

Dava para perceber a queda de temperatura à medida que chegavam perto da Europa. Mesmo estando na mesma estação do ano, o Sol era extremamente fraco naquela região.

Os piratas chegaram disfarçados de viajantes. Gabriella colocou o vestido que estava guardado, o qual nunca fora usado. Era um azul simples e discreto, com renda no decote, nas mangas e na barra da saia, o vestido era recheado por anáguas grossas e pesadas que faziam bastante volume, e é claro que não podia faltar um espartilho bem apertado, exatamente da maneira que as europeias usavam. Apesar de incomodá-la (pois usava geralmente blusas de mangas bufantes, calças masculinas e botas, assim como um homem), não a deixava menos bonita.

Tudo que a tripulação saqueou durante aquele tempo foi posto em malas para fingir que eram bagagens. Algumas das joias, como brincos e anéis, foram colocadas em Gabriella, deixando-a ainda mais deslumbrante. Os piratas que não se disfarçaram de viajantes apenas fingiram ser empregados do navio.

Jake colocava as “bagagens” perto da saída do cais quando viu uma imagem belíssima. Ele se deixou hipnotizar por aquele pássaro que observava o mar na completa paz com sua sombrinha que combinava com seu vestido branco com pequeninas flores cor-de-rosa bordados à mão. Aquilo só poderia ser uma miragem. Como poderia existir criatura tão perfeita?



John supervisionava tudo o que saía do navio, e tudo o que os tripulantes faziam. Tudo estava calmo até ele perceber o que vinha na direção do cais: vários soldados armados. O capitão não sabia o que fazer. Como eles poderiam ter descoberto? Só havia uma saída.

— Levantar âncora, abrir velas! — gritou John.

— Capitão? — perguntou um pirata confuso. — Mas por quê?

— Não há tempo para explicações. Andem suas lernas, entrem logo e façam esta maldita escuna andar!

O pirata obedeceu e colocou a escuna para andar. Os que viram o que estava acontecendo pegaram suas partes do tesouro e foram embora. Matthew e Gabriella voltaram para onde o navio foi ancorado e não encontraram nada e nem ninguém.

Gabriella saiu correndo à procura de Jake, e quando o encontrou falou desesperada.

— Jake, Jake! O papai sumiu!

— Como assim, “sumiu”?

— Sumiu! O navio, os tripulantes, não estão mais lá!

— O quê?! Ele foi embora com o navio e os tripulantes?! Eu não acredito! Deixasse pelo menos o navio!

— O papai sumiu e você preocupado com o navio?!

O sangue de Gabriella subiu fervendo, estava prestes a dar um tiro na testa do irmão.

— Para mim, se ele quiser sumir ou não, foda-se! Desde que ele deixe o navio.



— Jake, é melhor você deixar o problema do navio de lado — falou Matthew apontando para uma direção, mas ninguém ainda o percebera ali.

Jake olhou na direção que Matthew apontava e viu alguns soldados vindo na direção deles. “Era só o que faltava! Sermos presos agora!”, pensou Jake.

Um homenzinho começou a falar, tinha uma voz trêmula que era impossível entender o que dizia.

— Senhor... Senhor Smith?

Matthew entendeu o que acontecia e logo falou num tom de brincadeira:

— Não tenha medo, senhor! Não somos canibais! Ainda...

— Oh, Matthew, não seja malvado com ele... Está cumprindo ordens... O coitadinho ficou assustado — disse Gabriella andando na direção do pobre militar. Era tão linda e atraente que a cada passo e vez que seu cabelo dourado balançava com o vento, o homenzinho parecia afundar em suas roupas. O coitado nem sabia que corria mais perigo com ela por perto.

Gabriella era cruel demais para uma mulher. Ela parecia, aos 15 anos, um homem adulto com força e maldade o suficiente para não ter piedade de nada que passasse em seu caminho. Mas, imagine, se você fosse uma moça dentro de um navio cheio de homens, que praticamente não valem a comida que devoram, você agiria diferente?

Sua beleza era um verdadeiro paradoxo em relação ao seu modo de ser. Ela tinha cabelos compridos e loiros, uma pele branca de porcelana, olhos verdes e um corpo



que deixava muitos homens loucos, mas seria um homem morto quem tentasse tocar nela, assassinado pela “flor-do-campo” ou por seu querido irmão de consideração.

O soldado olhou para ela e respirou fundo. Depois tentou falar novamente.

— Senhor... Senhor Smith?

— Até onde sei, sou eu — disse Jake andando sem rumo pelo cais do porto.

— Preciso que me acompanhe.

— Para quê?

— O Duque Jeanville quer vê-lo.

— É uma ordem?

— Obviamente, senhor.

— Uma ordem... Nossa! Bem, diga ao seu Duque que não cumpro ordens.

Gabriella arregalou os olhos e esperou mais uma reação de Jake. Não podia fazer nada disfarçada de dama, senão os colocaria em uma situação muito pior.

— Ele disse que é de seu interesse.

— Olhe, só me interessa por três coisas: mulheres, dinheiro e o mar.

— Pelo que sei terá mais dinheiro e ainda terá o mar.

— Sem mulheres?

— Eu não sei.

Jake respirou fundo.

— Bom... Nada é perfeito! Vamos então ver seu querido e amado Duque Jeanville.

— Há uma carruagem lhes esperando, o Duque quer vê-lo hoje mesmo.



Enquanto seguiam para a carruagem, Jake, Matthew e Gabriella conversavam.

— Jake, e se for uma armadilha? — disse Gabriella.

— Gabriella tem razão... Você nem pensou nessa possibilidade? — perguntou Matthew.

— É claro que pensei... O que quer que eu faça? Pelo menos na prisão eles dão comida! Mas acho que vale a pena saber o que Jeanville quer comigo.

— Jake, e se você não for o Sr. Smith que estão procurando?

— Eu finjo, sou muito bom nisso!

Ao entrarem na carruagem, encontraram um homem bem vestido com uma pasta cheia de papéis.

— Senhor John Smith? — perguntou o homem.

Jake se assustou ao ouvir o nome do pai, pensava mesmo que fosse outro Smith que estavam procurando.

— Não, o filho dele. Jake Smith — disse depois de se recuperar do susto.

— Tudo bem. Podem entrar — falou o homem estendendo a mão para os lugares vazios.



III

Começou a chover como na maior parte dos dias de Londres. A carruagem tinha dificuldade de passar, balançava muito, a caminho de Jeanville, conhecida como a “terra dos cisnes”. Estava demorando muito, então Jake perguntou:

— Como descobriu que viríamos para cá?

— Digamos — disse o homem tirando os óculos e olhando para Jake — que temos nossas fontes.

— Você sabe o que o Duque quer comigo?

— Não muito, sei que envolve uma carta de corso, dinheiro e o que você já deve imaginar: mar. Por que estaria aqui se não envolvesse algo de que você provavelmente entende melhor do que o Duque?

— Uma carta de corso? Acha que eu ou o meu pai aceitaríamos uma carta de corso?

— Acalme-se. Ele ainda quer falar com você.

Passou ainda mais tempo, e pior, em silêncio. Jake continuava a encarar o homem, mas ele parecia não se importar com aquilo.

— Ei! Falta muito ainda?

— Falta mais uma hora — respondeu o homem.

— Uma hora?! Tomara que seja um lugar bonito o suficiente para me fazer esperar tanto!

— Bom, tudo lá é muito bonito... A propósito, sou James Anderson, advogado. Prazer.

— Prazer. Esses são Matthew, meu melhor amigo, e Gabriella, minha irmã. Você dizia que tudo lá é muito bonito e...

— É uma belíssima propriedade. Enorme também, tem muitos empregados.

— Ele, o Duque, tem família, filhos? — perguntou Gabriella.

— Ele é casado, eu acho. Tem duas filhas, uma tem 27 anos, mas não mora com ele, e a mais jovem tem 15, é considerada uma das jovens mais bonitas da Inglaterra.

— Então Jake vai gostar de conhecê-la! — disse Matthew em tom de brincadeira.

— Ela é um pouco rebelde, já fugiu inúmeras vezes para o porto, por causa do mar. Dizem que o Príncipe da Alemanha quer se casar com ela, mas é porque ele não sabe dos boatos de que ela teve um pequeno caso com o Marquês Jeremy Gale, um rapaz de 16 anos casado com uma escocesa, Karen. Elas duas sempre se odiaram e os rumores pioraram a história. Ela é muito mimada, tem tudo que quer, nunca ganha um “não”. E o pai faz tudo que ela quer... Compensando a falta que a mãe faz.

— Você disse sobre a falta da mãe e não soube dizer se ele era casado, por quê? — perguntou Jake.

— Bem, dizem que a mãe dela é uma deusa, o que explica a beleza das filhas, são muito parecidas com ela, inclusive o gênio. O povo comenta que assim que a jovem Evelyn nasceu, Viola foi embora, sumiu junto com a filha mais velha, Danielle, para a França, ela é francesa. O curioso é que Danielle sempre vem visitar o pai, mas Evelyn nunca conheceu a mãe.

— Que estranho! — disse Gabriella.



— Tirou as palavras da minha boca! — disse Matthew.

— Enfim, disse que era considerada uma das jovens mais bonitas da Inglaterra. Como ela é?

— É impossível descrevê-la. Só entenderá vendo.

Jake ficou ansioso para conhecê-la, mas de repente veio a imagem daquela moça no porto. Nossa! Se a filha do Duque fosse mais bonita, ela num piscar de olhos sumiria e ele perceberia que era um sonho, ou que ela era um anjo.

A moça do porto. A moça do porto. A moça do porto. Se ao menos soubesse o nome dela.

Naquele momento um barulho de um galopar rápido. Logo Jake foi ver o que era. Era uma moça num cavalo negro. Logo chamou a atenção quando Jake viu sua liga aparecer graças ao vento, revelando a pele branca daquelas pernas femininas. James foi até a janela, a moça puxou as rédeas do cavalo a fim de ir devagar. Olhou e começou a falar.

— James! Meu pai está na carruagem da frente?

— Sim, ele está! Por que saiu de casa se sabia que ele sairia e voltaria logo?

— Era o mar, James! Ele gritava o meu nome!

— Vai se meter em encrenca! Como pretende passar por seu pai sem ser vista?

— Eu não sei! Esperava que me ajudasse... O que posso fazer?

— Tentou uma rota transversal?

— Com essa chuva? O caminho está lama pura!

— Fique atrás das carruagens, quando fizermos a curva no jardim, você dá a volta pelo outro lado e entra no estábulo.

— Obrigada, James.



— Sempre às ordens, Evelyn.

“Aquele vestido, aquele rosto, tão familiar...”, pensou Jake. De repente um clarão tomou conta da mente de Jake.

— Merda!

— Algum problema, Jake? — perguntou Matthew.

— Er... Bem... Acho que uma... Abelha me picou...

Era ela. Mais bonita do que pensava. E era real.

Então finalmente chegaram à casa do Duque de Jeanville. Era um casarão enorme com jardim maior ainda, uma propriedade imensa. Os três piratas foram recebidos pelo Duque no hall de entrada.

— Jake Smith! Um pirata na minha propriedade...

— Isso mesmo. O que você quer de mim?

— Soube que é um bom pirata. Se é que posso usar esse adjetivo. Enfim, quero seu serviço.

— Ser corsário? Nunca.

— Terá privilégios, pode ficar com todo o dinheiro que quiser, terá permissão de ancorar em qualquer porto, tudo o que quiser, mas quero os mapas que você roubar.

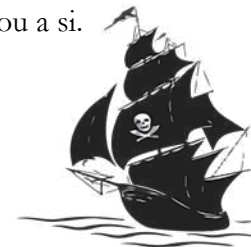
— É tentador. Mas quero cópias de todos eles.

— Muito bem, providenciarei um copião.

— Por que quer somente os mapas? Todos sabem como é a Marinha Inglesa. Deve ter todos os mapas de que precisa...

— Tem razão, mas eu quero os mapas, porque quero achar um mapa. É a localização da Baía dos Sete Pecados.

Jake congelou, a tatuagem nas costas queimou como na noite em que sua mãe foi morta. Mas logo voltou a si.



— Foi destruído. Não vai achar.
O Duque começou a falar.
— Não, acredita-se que ainda existe um mapa, uma cópia. Só não se sabe onde está.
— Tudo bem, eu aceito, mas com algumas condições...
— O que quer mais?
— Vim à Inglaterra para me esconder. A Revolução Puritana é mais um pretexto para nos matarem.
— E o que eu tenho com isso? — perguntou o Duque como se não soubesse.
— Influência, dinheiro, nome... Quero que nos esconda na sua casa.
— E por que eu faria isso?
Aquele Duque com certeza era o homem mais cínico que Jake já conheceria. Nem um pirata em Port Royal era mais cínico do que ele.
— Quer ou não quer o mapa, Sr. Jeanville? — revidou Jake.
— Há quartos de empregados sobrando na casa. Sintam-se à vontade! — disse o Duque, estendendo a mão para entrarem na casa.
Quando entraram no casarão de Jeanville, os três puderam ver que o Duque ostentava tanta riqueza quanto um rei. Mal entraram, o Duque berrou, e o grito ecoou pela enorme casa.
— Evelyn Joanne Louvain Foster Jeanville! Venha aqui imediatamente!
De um canto, onde o Duque não podia ver, veio uma linda moça branca, com cabelos muito pretos molhados,



num vestido azul que uma ama ainda fechava rapidamente, fazendo a menina perder o fôlego.

— Sim, papai — disse a jovem.
— Evelyn, quero que conheça nossos hóspedes. Este é Matthew O'Callahan — disse apontando. — Esta é Gabriella Castle — apontou também a para a moça. — E este é Jake Smith — disse dando espaço para a vista de Evelyn.

O rapaz de olhos de mel olhou Evelyn com curiosidade, por um bom tempo. Resolveu dizer:

— Muito prazer, senhorita Jeanville.
— O prazer é meu, senhor Smith.

O Duque começou a falar, como se ali ele fosse o rei.
— Nesta propriedade existem regras, meus “convidados”. O café da manhã é precisamente servido às 5h50min. O almoço, às 11h30. Exatamente às 17h, é servido o chá. Às 18h, o jantar estará na mesa. Não será permitida gritaria na propriedade. A música estridente será reprimida. E ninguém poderá perder a compostura, pelo uso de bebidas alcoólicas.

Um silêncio cortante pairou. Até que Gabriella falou:

— Desculpe, senhor Jeanville, mas por que tantas regras e tantos horários?

— Primeiro, sou o Duque Jeanville. E a resposta para a sua pergunta: por que tantas regras e tantos horários...? Porque somos ingleses.

Gabriella gelou. A menina que já vira homens tão piores, e era acostumada a ser pior do que esses homens, nunca vira tanta frieza em um ser humano. O Duque os deixou. O silêncio permaneceu por um longo tempo.



— Err... Evelyn, é Evelyn, não é? — disse Matthew meio desconsertado. — O seu pai, o Duque, é sempre assim?

— É, ele é sempre assim... Mas venham, parou de chover, vou mostrar a propriedade.

Andaram por todo o jardim, Evelyn falava e explicava tudo e Jake mal prestava atenção: as únicas coisas que o prendiam ao mundo era a beleza estonteante e a voz suave e elegante dela.

Finalmente, eles pararam e sentaram em uma mesa onde estava posto chá, bolo e biscoitos amanteigados. Puderam conversar e se conhecer melhor.

— Então, Evelyn, como você vive nesse “mundinho”? — perguntou Matthew.

— Eu não vivo. Estou sempre fugindo.

— Fugir? Para onde? — indagou Gabriella.

— Para o porto. O mar é tudo na minha vida. Eu tenho uma necessidade de vê-lo e sentir a brisa que vem dele, que não tem tamanho.

E depois de tanto tempo sem ouvi-lo falar, Evelyn ouviu a voz de Jake.

— Se quiser, posso levá-la um dia para navegar nele. Nunca mais vai querer voltar para a terra.

Evelyn deu um enorme sorriso e Jake retribuiu. Ficaram se olhando demoradamente, ela não conseguia entender, mas alguma coisa a atraía naquele rapaz. Os seus olhos, o seu sorriso malicioso eram como um imã.

— Mas digam-me! Quem são vocês?

— Somos piratas... — disse Jake. — O que você pensou que fazíamos?



Evelyn ficou de boca aberta, não conseguia falar. Ela não conseguia acreditar.

— Evelyn, somos o que somos — disse Gabriella.

— Eu sei... Mas, é que vocês não fazem a imagem que eu imaginava. Eu pensava que piratas eram homens maus, feios, sujos, fedorentos, pervertidos e, simplesmente, asquerosos!

Matthew riu mostrando suas covinhas.

— Existem piratas assim. Mas você nunca nos viu em um navio, podemos ser maus também.

Jake não parava de olhar para Evelyn com aquele sorriso malicioso. Olhava da cintura dela para cima sem parar.

— Todos são maus, Evelyn, pelo menos em um lugar — disse Jake.

— O que quis dizer, senhor Smith? — perguntou a moça ingênua.

— Nada.

Justamente naquele momento, uma mulher apareceu e falou:

— Senhorita Jeanville, está na hora de se aprontar para o jantar.

— Oh sim, Mary. Já vou.

— É claro que a senhorita Gabriella será bem vinda para se arrumar para o jantar também. Senhores O'Callahan e Smith, o mordomo Samuel os ajudará a se vestirem.

A moça saiu. Matthew e Jake entreolharam-se. Gabriella mal conseguia andar com aquele vestido em que o espartilho não estava tão apertado, e ainda usava suas botas ao invés de salto alto.



— Muito bem, rapazes, nos vemos no jantar. Gabriella, virá comigo?

— Er... Claro — disse ela timidamente.

As duas saíram. Jake e Matthew começaram a rir.

— Uma coisa me preocupa, Jake.

— O quê?

— Aquele homem que vem descendo as escadas parece um mordomo, não é?

— Oh, não!

No quarto de Evelyn, as duas moças se arrumavam.

— Mary, acho que vou vestir meu vestido amarelo com rendas — disse Evelyn. — Gabriella, o que pensa em vestir?

— Bem, não tenho nenhum vestido além deste.

— Não? Que horrível! Vou lhe emprestar um. Mary, pegue aquele vestido azul na caixa branca com a faixa de cetim azul escuro, e pegue meias de borda e ligas azuis, estão na gaveta. Também quero que traga aquele espartilho branco.

— Mas, Srta. Jeanville, você nem usou ainda todas essas coisas — disse Mary.

— Eu sei disso. Acha mesmo que eu emprestaria coisas usadas para uma hóspede?

Gabriella impressionou-se com o que acabara de ouvir.

O armário de Evelyn era abarrotado de vestidos, sapatos, sombrinhas. Ela tinha uma mesinha contendo três espelhos: um ao centro e dois nas laterais, e suas gavetas eram cheias de joias e maquiagens. Gabriella pegou o vestido sem dizer uma palavra, apenas com um sorriso



sem graça. Ela não gostava do vestido que estava usando, muito menos daquele. O espartilho a sufocava, os sapatos apertavam seus pés, seu rosto estava cheio de maquiagem para disfarçar o queimado do Sol, mas não deixava de ser bonita, de ficar bonita.

